



**POR QUE CONTINUAR LENDO CLARICE LISPECTOR? E EU QUE SEI?  
REFLEXÕES SOBRE *UM SOPRO DE VIDA* DE CLARICE LISPECTOR**

\*\*\*

**WHY TO CONTINUE READING CLARICE LISPECTOR? AND WHAT  
DO I KNOW? REFLECTIONS ON A BREATH OF LIFE BY CLARICE  
LISPECTOR**

Tais Turaça Arantes<sup>1</sup>

**Recebimento do Texto:** 16/09/2022

**Data de Aceite:** 12/10/2022

**RESUMO:** Este texto possui como *corpus* central o livro *Um Sopro de Vida* da autora Clarice Lispector. Para tanto foi necessário criar pontes com a vida da autora deste artigo, principalmente quando se trata da leitura do livro em um momento delicado: o tratamento de câncer da figura paterna. Dessa forma, o texto busca em seu escopo analisar signos da vida e da morte presente no livro escolhido. O embasamento teórico para análise é a semiótica de Peirce, e seus estudiosos, tais como: Santaella, Lemke, Pignatari, entre outros. Também é evocado outros pesquisadores fora da semiótica, para compor a discussão, tais como: Rosenfeld, Humphrey, Moser, entre outros. A metodologia do trabalho é qualitativa, de caráter exploratório. Os resultados apontam a necessidade de mais estudos com relatos de experiência de leitura da Clarice e seus impactos na vida das pessoas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Clarice Lispector. Um sopro de vida. Semiótica.

**ABSTRACT:** This text has as its central corpus the book *Breath of life* by the author Clarice Lispector. Therefore, it was necessary to create bridges with the life of the author of this article, especially when it comes to reading the book at a delicate moment: the paternal figure's cancer treatment. In this way, the text seeks in its scope to analyze signs of life and death present in the chosen book. The theoretical basis for analysis is the semiotics of Peirce, and his scholars, such as: Santaella, Lemke, Pignatari, among others. Other researchers, outside semiotics, are also evoked to compose the discussion, such as: Rosenfeld, Humphrey, Moser, among others. The methodology of the work is qualitative, exploratory. The results point to the need for more studies with reports of Clarice's reading experience and its impacts on people's lives.

**KEYWORDS:** Clarice Lispector. Breath of life. Semiotic.

---

<sup>1</sup> Doutora em Psicologia Social (PPGPS-UERJ), Campus do Rio de Janeiro/RJ; e Doutorando do curso de Pós-graduação Stricto-sensu em Letras (CIÊNCIA DA LITERATURA), Campus do Rio de Janeiro/RJ. E-mail: taistania@gmail.com



## Introdução

Ler Clarice Lispector é como ter sobre a palma da mão uma faca de dois gumes, você pode deixar a mão imóvel e apenas observar a faca, é como se você escolhesse apenas passar os olhos palavra por palavra do que a Clarice escreveu, mas você pode apertar a faca, e essa é a parte mais perigosa e que te causa angústia para além da dor, depois ainda há a grande probabilidade de se ficar com marcas nas mãos. O segundo ato parece loucura, uma vez que em primeiro momento não se parece sensato querer se machucar, contudo não tem como ler Clarice sem correr esse risco de se machucar. Você se lança para o texto e ele, em alguns momentos, será um espelho também, porque quanto mais se olha, mais se enxerga algo de si nas palavras. Essa é uma parte complicada, uma vez que encarar a si mesmo não é uma atitude fácil, demanda coragem.

Deve ser por isso que Clarice Lispector foi e ainda é muito estudada na academia e encanta aqueles que também estão de fora dela. Haverá sempre quem diga que a leitura é difícil, hermenêutica e da mesma forma que haverá quem diga que tudo o que ela escreveu especialmente para ele. Nesse ponto é interessante apontar para o que a professora Emília Amaral<sup>2</sup> diz a respeito da leitura (2017, p.1)<sup>3</sup>:

A dificuldade em ler Clarice vem da nossa dificuldade em pegar um romance, ou um livro de contos, e não achar logo o enredo. O traço estilístico básico de um romance é que ele vai contar uma história, e o leitor pega o romance esperando essa história. O estilo de Clarice é nos aquecer junto com ela para entrar na história. A gente entra com ela em um processo de

---

<sup>2</sup> Doutorado em Educação e Literatura pela Unicamp.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/12/22/por-que-ler-clarice-lispector>. Acesso em 24 de janeiro de 2022.



metalinguagem de ir parindo a história, e o leitor faz parte disso.

Há uma expectativa por parte do leitor de querer encontrar uma linearidade enquanto faz suas leituras, mas muitas vezes isso não pode ser alcançado quando se lê Clarice, pois ela rompe a linearidade “à escritora interessa a narrativa baseada na memória e na emoção, isto é, no fluxo da consciência da personagem, e que esse fluxo não segue ordem cronológica. Essa característica observa-se, sobretudo, nas narrativas longas, em que demonstra que não há diferença entre espaço e tempo” (CABRAL, 2015, p. 13). Esse rompimento com a linearidade atrelado ao fluxo de consciência gera uma intimidade com o leitor.

Considera-se importante dissertar que o fluxo de consciência, utilizada por Clarice em muitas de suas criações, pode ser definido como “o fluxo de consciência ficcional como um tipo de ficção no qual a ênfase básica está na exploração dos níveis de consciência pré-discursivos, com o propósito, principalmente, de revelar o ser psíquico dos personagens” (HUMPHREY, 1976, p. 04). Como mencionado no início desse texto, para ler Clarice é preciso estar disposto a se arriscar, ter coragem, pois o leitor vai se encontrar no mesmo lugar que se encontra o autor, em um choque repentino no íntimo, em uma profundidade que nada se parece com as marcas confortáveis com o auxílio do autor tradicional quando constrói a sua personagem (ROSENFELD, 2006). Deve ser por isso que a jornalista Heloísa Iaconis (2017, p.1)<sup>4</sup> explica que:

Eu leio Clarice porque, através dos textos dela, das histórias que ela criou, eu consigo manter viva a minha inquietude, que acho que é um pilar essencial da vida. Através das palavras dela, eu consigo deixar que pulse a minha capacidade de me

---

<sup>4</sup> *Idem* 1.



indignar diante de muitas coisas, sejam sociais, políticas, de espírito ou psicológicas.

Esse comentário ajuda a elucidar um pouco do que ler Clarice pode significar para cada leitor. Utilizou-se a palavra *pode*, porque ela exprime a possibilidade de uma capacidade e atrelada com outra palavra *significar*, do latim *significare*, que quer dizer “mostrar por sinais”, de *signum*, “sinal” “signo”, mais a raiz de *facere*, “fazer”, exprime a possibilidade de interpretação de um leitor. Então, pode-se dizer que *significado* e *significante* têm a mesma origem, e isso será explorado mais adiante na discussão teórica da semiótica.

Dessa forma, esse texto busca trazer reflexões sobre os escritos de Clarice Lispector em minha vida, principalmente durante o tratamento de câncer do meu pai. O *corpus* central de análise é *Um Sopro de Vida*. A base teórica do trabalho está centrada em pesquisadores de Clarice Lispector e na semiótica de Charles Sanders Peirce. A semiótica aqui ajudará a entender os signos de vida e morte presentes na obra tomada como *corpus* a partir do interpretante.

## 1 – Sempre Clarice

*“Eu sou enfim a própria coisa que vocês procuravam, disse a casa grande. E o mais engraçado é que não tenho segredo nenhum, disse também a grande casa”*

(LISPECTOR, 1998, p. 129)

A vida de Clarice sempre foi curiosidade de todos, em sua vida muito se buscava ao seu respeito. O seu sotaque junto com o seu olhar profundo deixava, e ainda nos deixa, cheios de questionamentos. Ela nasceu na Ucrânia em 1920 e sua família mudou-se para o Brasil quando ainda era um bebê de colo, como a própria explica:



Nasci na Ucrânia, terra de meus pais. Nasci numa aldeia chamada Tchechelnik, que não figura no mapa de tão pequena e insignificante. Quando minha mãe estava grávida de mim, meus pais já estavam se encaminhando para os Estados Unidos ou Brasil, ainda não haviam decidido: pararam em Tchechelnik para eu nascer, e prosseguiram viagem. Cheguei ao Brasil com apenas dois meses de idade (LISPECTOR apud. MOSER, 2011, p. 10).

“Terra de meus pais”, o que leva a compreensão que a sua pátria seria o Brasil. Morou no nordeste do país e depois mudou-se para o sudeste. Clarice era uma pessoa enigmática, como Moser (2011, p. 11) explica “Sua nacionalidade era questionada, e a identidade de sua língua nativa era obscura. Uma autoridade atestará que era de direita, e outra, que era comunista. Uma insistirá que era uma católica devota, embora na verdade fosse judia”, ao ler o livro de Moser fica o sentimento de que nós enquanto leitores buscamos entender Clarice por meio de sua vida, como se existisse algo profundamente misterioso para justificar uma escrita tão profunda. “Meu mistério é não ter mistério” (apud Moser, 2011) gosto de pensar que Clarice já nos tem dado muito de si para nós por meio de seus escritos e cada vez queremos mais e mais, mesmo depois de tanto tempo de sua partida.

Clarice escreveu desde sua tenra idade, desde os sete anos, como a própria explicou: "quando eu aprendi a ler e escrever, eu devorava os livros! [...] Eu pensava que livro é como árvore, como bicho: coisa que nasce! Não descobria que era um autor! Lá pelas tantas, eu descobri que era um autor. Aí disse: 'Eu também quero'" (ROSENBAUM, 2002, p. 11). Então, ela começou a mandar contos para a seção infantil do Diário de Pernambuco, mas nunca foi publicada. "As outras crianças eram publicadas e eu não", comenta Clarice. "Logo compreendi por quê: elas contavam histórias, uma



anedota, acontecimentos. Ao passo que eu, relatava sensações... coisas vagas" (ROSENBAUM, 2002, p. 11).

Clarice escreveu o seu primeiro livro em 1942 chamado *Perto do Coração Selvagem*. No final de 1943, o livro foi publicado. No início de 1944, pouco tempo depois da publicação, a imprensa especializada começa a realizar resenhas e críticas do livro. No mesmo ano o livro ganha o prêmio Graça Aranha, relativo a 1943. As críticas em alguns momentos eram amargas e em outras aclamavam a sua escrita (TORRE, 2006). Clarice ficou na mira dos especialistas e suas críticas, que em alguns momentos poderiam causar confusão ou tristeza; algum sentimento despertava em Clarice. Como a própria, em uma carta para a irmã Tania, explica: "Procuro não me desesperar, ou melhor, nem posso porque estou vagando numa quietude chata. Espero que isso se transforme depressa; as críticas, de um modo geral, não me fazem bem" (LISPECTOR, p. 34).

Estudaram, e ainda estudam Clarice por vários prismas, como por exemplo, por meio de questões filosóficas marcadas pela questão existencial. Alfredo Bosi (1970) em *História Concisa da Literatura Brasileira* assinala as perspectivas filosóficas dos escritos de Clarice. Depois começou-se a estudar Clarice através de sua própria história:

Posteriormente, outros estudiosos procuraram esclarecer Clarice através da própria história. A primeira biografia de Clarice, feita nos anos 1960 por Renard Perez, serviu de referência até a década de 80-90. Depois foi Olga Borelli, amiga de Clarice, quem trouxe um pouco mais da intimidade da autora em *Clarice Lispector - Esboço para um Possível Retrato*, articulando a vida e escrita (TORRE, 2006, p. 21).

Muitos são os estudos realizados sobre os escritos de Clarice, este com certeza será só mais uma gota no oceano, contudo neste texto não se busca analisar Clarice e sim escrever, quase um relato de experiência, como



leitora de Clarice. Para tanto, vale mencionar que em sua última entrevista, concedida ao repórter Júlio Lerner, da TV Cultura, que foi ao ar depois de sua morte, de acordo com o seu pedido<sup>5</sup>; a autora explica que um professor de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II afirma que já leu o livro *A Paixão Segundo G.H.* mais de uma vez e mesmo assim não o entendeu, enquanto uma jovem de 17 anos o tinha como um livro de cabeceira. Seria aqui o sentimento da própria autora quando diz “Ou toca, ou não toca”. Talvez seja esse um dos pontos mais difíceis de escrever agora sobre Clarice, pois sempre há esse turbilhão de sentimentos.

Aproveitando o ensejo, eu, enquanto autora desse texto preciso explicar que em um primeiro momento li quando jovem Clarice e parece que não nos encontramos naquelas páginas, talvez fosse porque foi uma leitura obrigatória e naquele momento não o fez sentido em minha vida, não tocou. A imagem vem a memória quando na biblioteca da escola, certa vez, peguei o livro “Onde Estivestes de Noite” e com o olhar atento passei o nome por cada conto e o nome “Esvaziamento” me chamou a atenção e logo questionei-me “o que é que foi esvaziado?”; uma breve olhada no início e foi ali que tocou com “Não é que fôssemos amigos de longa data. Conhecemo-nos apenas no último ano da escola. Desde esse momento estávamos juntos a qualquer hora. Há tanto tempo precisávamos os dois de um amigo que nada havia que não confiássemos um ao outro” (LISPECTOR, 1999, p. 57)<sup>6</sup>.

Como supracitado, o livro central de análise deste texto é *Um Sopro de Vida*. O livro foi publicado em 1978 com fragmentos reunidos pela

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.revistabula.com/503-a-ultima-entrevista-de-clarice-lispector/>. Acesso em 24 de janeiro de 2022.

<sup>6</sup> No livro *Felicidade Clandestina* esse conto se chama “Uma amizade sincera”. Mantive o nome Esvaziamento no texto, pois é assim que está em minha memória e como a palavra em si despertou em mim a atenção para ler o conto.



amiga Olga Borelli. Em 1977, a escritora Clarice Lispector, que já estava em uma luta contra o câncer escreve o seu livro *Um Sopro de Vida*, que seria uma publicação póstuma (ROSENBAUM, 2002).

## 2 – Semiótica

A semiótica utilizada como fundamentação teórica para análise é a de Charles Sanders Peirce (filósofo, matemático, cientista e lógico). Essa semiótica que se difere, em alguns pontos, da semiologia criada pelo seu contemporâneo linguista Ferdinand de Saussure. Para Saussure a realidade do signo é apresentada de forma didática, significado e significante, já para Peirce o signo é triádico, uma vez que o objetivo desta ciência se concentra em demonstrar a relação entre o objeto, signo e interpretante em sua relação lógica.

O pesquisador e professor Lemke (1997) caracteriza Peirce como um rebelde, uma vez que ele juntou a lógica e o sistema de tomada de significação, fazendo dessa formar surgir a sua semiótica ou lógica. Tanto a semiótica de Peirce quanto de Saussure são as formais por serem semiótica da matéria, visto que ambas são uma construção do significado em que um objeto leva um sinal de interpretação de uma coisa; um processo fenomenológico.

Quando se trata de semiótica de Peirce é interessante apoiar-se na explicação de Décio Pignatari (2004) de que é a ciência que ajuda a ler o mundo, porque a vida do ser humano é repleta de signos, sejam eles verbais ou visuais. Quando andamos dentro de um shopping podemos ver propagandas e interpretar o seu sentido, ao lermos um livro, decodificamos suas palavras e até mesmo quando estamos em uma farmácia e enxergamos





no chão a faixa amarela antes do caixa, sabemos que não podemos atravessar. A linguagem está no mundo e estamos no mundo constantemente a interpretá-las. A semiótica, assim, toma por objeto os sistemas de linguagens possíveis, em outras palavras qualquer fenômeno de produção de significado e sentido (SANTAELLA, 2012).

Seobok (2001) nos explica que o fenômeno que distingue as formas de vida de objetos inanimados é a semiótica. Isso pode estar ligado e definido simplesmente pelo fato, de como mencionado anteriormente, de possuímos a capacidade como organismos vivos de produzir e compreender sinais, os signos, a nossa volta. O signo, para Peirce (2012, p. 74) é “qualquer coisa que conduz alguma outra coisa (seu interpretante) a referir-se a um objeto ao qual ela mesma se refere (seu objeto), de modo idêntico, transformando-se o interpretante, por sua vez em signo, e assim sucessivamente *ad infinitum*”. Dessa forma, o signo é qualquer forma física que foi imaginada ou feita externamente (através de algum meio físico) para representar um objeto, evento ou sentimento (SEOBOK, 2001). O referente pode mudar a compreensão de um determinado signo (PEIRCE, 1972), como por exemplo, quando se fala a palavra “cabo”, pode-se evocar na mente do interpretante cabo de vassoura, de internet ou a patente militar.

Em nossa vida humana, os signos têm muitas funções que nos permitem reconhecer padrões nas coisas; eles seguem como guias ou planos preditivos; eles servem como exemplos de tipos específicos de fenômenos, entre outros exemplos (SEOBOK, 2001). Isso nos leva a compreender que às vezes um mesmo signo pode evocar interpretações diferentes dependendo de quem os interpreta.



### 3 – Os signos da vida e da morte em Um Sopro de Vida

Iniciado em 1974 e concluído em 1977, às vésperas de sua morte, este livro, de criação difícil, foi, no dizer de Clarice, "escrito em agonia", pois nasceu de um impulso doloroso que ela não podia deter (BORELLI, 1978, p. 5). O livro foi escolhido como corpus devido a leitura realizada do mesmo durante a internação do meu pai.

O mundo das palavras também está incluso dentro da leitura de mundo que Pignatari havia explicado. A semiótica serve para "estabelecer as ligações entre um código e outro código, entre uma linguagem e outra linguagem. Serve para ler o mundo não-verbal: "ler" um quadro, "ler" uma dança, "ler" um filme – e para ensinar a ler o mundo verbal em ligação com o mundo icônico ou não-verbal" (Pignatari, 2004, p. 12).

A semiótica buscará assim na leitura do código verbal a transformação do simbólico (no caso, a palavra) em ícone, isto é, os meios pelos quais a obra literária, mais do que representar, presentifica o seu objeto (FERRAZ JÚNIOR, 2004); essa transformação se dá pelos signos icônicos ou hipoíconicos; que são uma subcategoria que ocorrem "na realidade cotidiana dos ícones que são signos genuínos" (NÖTH, 2003, p.79). Os hipoícones se desdobram em três tipos: as imagens, os diagramas e as metáforas:

- a) As *imagens* constituem o tipo mais próximo de um ícone ideal. São os signos que "participam das qualidades simples" do objeto representado, configurando assim uma reprodução mimética desse objeto: um retrato naturalista, uma maquete de edifício e uma onomatopeia são exemplos de signos imagéticos.
- b) Os *diagramas* são "ícones de relações inteligíveis", isto é, representam o objeto através de relações análogas entre as partes desse objeto e suas próprias



partes, não havendo um mimetismo entre *representâmen* e objeto, mas semelhanças pontuais, da ordem de uma analogia ou proporcionalidade. É o que ocorre com um mapa em relação à região que representa, ou com a escala de um termômetro em relação à temperatura medida.

- c) Já as *metáforas*, na complexa definição de Peirce, “representam o caráter representativo de um *representâmen* através da representação de um paralelismo com alguma outra coisa” (FERRAZ JR; FERRAZ, 2009, p. 1404).

Peirce (2012) demonstra em seus estudos uma das mais importantes tricotomias de sua teoria no que tange a descrição dos signos que seria ícone, índice e símbolo. Essa tricotomia é essencial tanto para a expressão artística, quanto para o pensamento científico (FERRAZ JÚNIOR, 2004). O ícone é um signo que representa a similaridade em suas qualidades imediatas, ou seja, em suas características visuais, sonoras, táteis etc. Ao contrário do símbolo, que mantém uma relação arbitrária e convencional com o objeto. O índice também está ligado ao ícone por proximidade e; por sua vez o ícone reproduz qualidades idênticas às do objeto, funcionando como uma réplica deste. Pode-se citar como exemplo, o fato de que não existe uma semelhança entre a luz vermelha do código de trânsito que é um sinal para parar. Já a relação indexical é compreender que quando o céu está cheio de nuvens indica que logo poderá chover. A Clarice desenhada em um papel mantém, por sua vez, uma relação icônica com a Clarice real.

Sendo assim, o texto literário é um signo icônico, visto que a matéria-prima da literatura é a palavra (símbolo) e o artista a emprega de um modo especial sobre uma projeção icônica sobre o verbal. O signo linguístico se transforma em signo icônico, porque teve a sua arbitrariedade relativizada ao tentar características do objeto (PIGNATARI, 2004). Dessa forma, “a principal contribuição da Semiótica para a literatura é a



compreensão de como se constrói essa iconicidade da linguagem literária” (FERRAZ JR, 2004, p. 50).

A leitura de um texto literário enfatizará o modo simbólico de representação quando o seu significado for evocado principalmente pelos sentidos convencionais dos signos utilizados, ou seja, quando as associações entre a forma literária e aquilo que ela representa se fundamentem principalmente nas convenções estabelecidas pelos códigos linguístico e literário (FERRAZ JR, 2012, p. 66).

Predominou-se na leitura do livro a conformação dos signos aos hábitos de linguagem na caracterização do emprego da palavra no idioma materno. O estilo e as formas de composição escrita da Clarice trabalham a construção do efeito estético da obra *Um Sopro de Vida*. Há uma presença grande de símbolos que se costuram na tessitura do texto. A escolha e repetições de algumas palavras ao longo do texto obedecem a um esquema de estrutura da prosa e contribui para a criação da vida do livro. Como Ferraz (2004) explica que a materialização de algumas palavras está relacionada com a construção do signo, indo mais longe que o simbólico em direção ao icônico.

Já que está se falando da palavra, matéria prima da literatura, para efeito de constatação apresenta-se um somatório de palavras que se compreende como essenciais na construção da obra. No que se revela ao campo interpretativo de *partir*: a) morte aparece 79 vezes; b) Morta 9 vezes; c) Morrer 43. No que se refere ao campo interpretativo de permanecer: a) Viver 74; b) Vida 139 (eliminando a sua aparição no título da obra); c) Viva 19 vezes. Relacionando a presença das palavras com a leitura, julga-se que o livro é sobre estar e permanecer, sobre viver, e não sobre partir. Essas afirmações se pautam no conhecimento de que o livro foi escrito em um momento muito duro de Clarice e que quando chega ao leitor já se sabe que



ela morreu de câncer. As análises aqui realizadas buscam separar palavras em signos de vida e de morte.

Atenta-se agora para a frase de abertura do livro “ISTO NÃO É UM LAMENTO, é um **grito de ave de rapina**” (LISPECTOR, 1987, p. 7, *grifo nosso*), começa-se explicando que de acordo com o ICMBio (2008) as aves de rapina são aquelas que ocupam o topo da cadeia alimentar. Essas aves caçam de forma ativa ou procuram animais mortos. Só por estar nessa posição na cadeia alimentar faz dessas aves animais naturalmente raros, cujas suas necessidades de habitat as obrigam a ocupar vastos territórios. Sobre a vocalização (grito) a maioria das aves de rapina são silenciosas. As aves de rapina têm distinção em suas vocalizações, que podem ser separados em seis tipos de gritos<sup>7</sup>: voador, feminino implorando, mendicância juvenil, trinado, contato pais-filhos, alarme e alta. Cada grito articula com a sobrevivência da espécie, exceto a última que é vocalizada apenas por aves de cativo. Dito isso, o leitor já é alertado de que Um Sopro de Vida não é uma lamúria e sim um sinal de sobrevivência, de permanecer em constante caminhada. A palavra *grito* está em dualidade com *aves de rapina*, pois em um primeiro plano grito significa “exclamação forte e sonora com que se pede socorro ou se exprime dor ou sensação violenta”<sup>8</sup> e vimos que a ave de rapina é uma soberana dos céus. A palavra em sua construção grito, se afasta do simbólico e vai para o icônico; grito poderia ser um signo de morte, mas quando relacionado com aves de rapina se torna um signo da vida.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2351989421002055>. Acesso em 26 de janeiro de 2022.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/grito>. Acesso em 26 de janeiro de 2022.



Em outro momento do livro as frases “**Voar** baixo para não esquecer o **chão. Voar alto** e selvagemmente para soltar as minhas **grandes asas**” (LISPECTOR, 1987, p. 48, *grifo nosso*), novamente a referência para a ave aparece e é trabalhado agora a noção do voo. Coloca-se aqui uma ave de rapina novamente, visto que o início do texto, essa imagem é evocada através das grandes asas; e percebe-se que não é uma ave qualquer, seria um condor, uma harpia ou uma águia dourada, pois a envergadura dessas aves são de 1 a 3 metros. Novamente, a imagem de uma caçadora é evocada, a ave de rapina voa baixo quando precisa se alimentar, no caso, dentro do texto também se evoca a metáfora de manter os pés no chão, um ato de lucidez, tal como caçar para se alimentar. A ave não desce à toa, e no texto também não se desce à toa. Voar alto poderia ser classificado como um diagrama, porque se um mapa ocorre em relação à região que representa, voar alto ocorre em relação a soberania dos céus, ocorre em liberdade. Liberdade é um signo de vida.

Nesse outro trecho: “Só adianta ao que parece viver interrogativamente pois para cada interrogação lançada no ar corresponde uma resposta trabalhada na **escuridão** de meu ser, essa **parte escura** de mim e que é **vital**, sem ela eu seria **vazio**” (LISPECTOR, 1987, p. 49, *grifo nosso*). A *escuridão* geralmente é retratada como representação de alguma outra coisa, que nesse caso seria o próprio vazio, algo negativo, um sentimento ruim, contudo essa metáfora é quebrada pela arbitrariedade da palavra *vital* atrelada com a frase *eu seria vazio*, pois aqui a *escuridão* não é vista como algo negativo, mas como um conjunto do todo, algo que é essencial, pois assim sim, sem a *escuridão* seria vazio e não a *escuridão* traz o vazio. *Escuridão* poderia ser um signo de morte, mas se configura como um de vida.



Observa-se agora o coração através dos seguintes trechos:

- a) “meu coração está **espantado**. É por isso que toda a minha palavra tem um coração onde circula sangue” (LISPECTOR, 1987, p. 10, *grifo nosso*)
- b) “Meu coração está **gélido** que nem barulhinho de gelo em copo de uísque” (LISPECTOR, 1987, p. 71, *grifo nosso*)
- c) “Meu coração está de **luto**. Mas amanhece. Nossas sementes brotam. Amanheço. Não sou juiz não, meu senhor. Sou viola doce. Melhor que Carl Orf é o silêncio” (LISPECTOR, 1987, p. 107, *grifo nosso*).

No começo do livro o coração está espantado, quase na metade o mesmo coração está gélido e por fim ele está de luto quase no final. O coração aqui é um diagrama, pois o objeto é representado “através de relações análogas entre as partes desse objeto e suas próprias partes” (FERRAZ JR, 2009, p. 1404). Em seu *espanto* o coração está vivo, pulsando sangue; esse coração é o início da jornada logo após o nascimento. Esse coração é um signo de vida. O coração *gélido* pode ser classificado como ambíguo, pois ele poderia estar relacionado com a morte e a perda de avidez, contudo também poderia dizer que é um coração insensível. Esse coração gélido é arbitrário, podendo ser um signo de vida ou de morte. Por fim, o coração está de *luto*, mas ele *amanhece*, simbolizando assim a aceitação de um destino fatídico. Classifica-se luto um signo de morte, pois o luto evidencia a perda importante de algo durante a vida, no caso em questão, é a perda de si mesmo.



## Conclusão

É preciso lembrar também que a primeira vez que eu li o livro, ele não fez muito sentido para mim e nem evocou muitos sentimentos, contudo quando passei no mestrado, minha pesquisa tinha como base teórica a semiótica de Peirce; meu pai descobriu que estava com câncer na laringe. O meu processo de estudo do curso se deu dentro do hospital público acompanhando o meu pai. Além das leituras relacionadas com as disciplinas e com o desenvolvimento da dissertação, eu também escolhia livros pessoais. Alguns livros eram escolhidos como uma espécie de boia para não me afogar e outros como uma muleta. Claro que os livros de Clarice estavam entre as escolhas.

A leitura de *Um Sopro de Vida* foi muito importante durante o período de internação do meu pai, pois ele também estava com câncer. Em um primeiro momento pode-se interpretar que o livro não seria uma boa escolha diante do momento em que eu estava passando como acompanhante do meu pai, contudo, lembro-me de pensar que a escrita de Clarice poderia ser uma ponte para compreender tal situação de minha vida; é aquilo dissertado no início desse texto: eu optei por fechar a mão com a faca de dois gumes nela. Eu não queria machucar-me, mas eu queria ir para dentro de mim e depois achar um caminho de volta.

Talvez pelo meu breve conhecimento na época de semiótica eu tive uma interpretação diferente da primeira vez em que o tinha lido e agora, e essa terceira leitura se assemelha muito com a segunda. Na primeira vez que eu li, chorei e fiquei desconfortável. Tanto que esse foi o motivo de levá-lo para o hospital. Eu queria chorar no hospital e queria colocar a culpa no livro. Seria a desculpa perfeita. Minha muleta. Contudo, eu não chorei! Na





verdade, ler o livro mostrou-se ser uma boia. Eu não li o livro o analisando com a intenção de uma publicação e nem com um olhar acadêmico, mas parece que, daquela vez, o livro tinha o sentido de mostrar “olha, não é porque está agora em carne viva que quer dizer que tudo está perdido”.

Uma das frases que me fez compreender um pouco mais a situação foi “Queria poder viver tudo de uma só vez e não ficar vivendo aos poucos. Mas aí viria a Morte” (LISPECTOR, 1987, p. 109), a morte é o fim de todos os caminhos, você vivendo tudo de uma vez ou não. Logo após essa passagem há uma descrição do cenário “Os vitrais da minha casa. Tudo vazio e calmo” (LISPECTOR, 1987, p. 110), tratou-se para mim um sinal de aceitação, ainda mais quando meu pai soube que era paliativo. Esse momento foi muito difícil, ainda mais perto do fim, quando ele não podia se alimentar e dizia estar com vontade de beber água, pois o tumor furou a sua garganta. Ele me disse: – eu quero descansar. E eu pensei nos vitrais e em como tudo poderia ser vazio e calmo para ele. Eu realmente não posso dizer se meu pai encontrou aceitação em sua partida, mas eu encontrei aceitação na partida dele.

Vale dizer que na terceira leitura outro sentimento foi evocado “Só depois que você morrer é que vou te amar totalmente (LISPECTOR, 1987, p. 111), eu tenho a sensação de que hoje eu amo mais o meu pai do que quando ele estava presente. Um sentimento estranho, pois sei que dei tudo de mim quando ele estava vivo. Sempre estive presente, mas a saudade faz parecer que eu o amo mais agora só porque não posso vê-lo.

Enfim, ler esse livro da Clarice em especial funcionou como uma boia, algo que me ajudou a não se afogar. Para a pergunta presente no título inspirada na última entrevista da Clarice “Por que continuar lendo Clarice Lispector? E eu que sei” a resposta correta ainda é “e eu que sei”, porque ler



Clarice, para mim, vai estar atrelada a fase da vida que você estará vivendo. Veja a situação que citei: quando eu estava bem, chorei com o livro e quando achei que ia chorar, me mantive forte. Talvez eu leia esse livro no futuro e possa vir a chorar novamente. Não tem como saber. Não tem uma resposta fechada.

Os exemplos que citei retirados de outro texto também demonstram que Clarice tem esse impacto em seus leitores. Seria interessante realizar uma pesquisa exploratória em que reunisse relatos de experiências de diversos leitores e os separassem por idade e grau de estudo para verificar depois quais são os impactos, visto que como a própria Clarice disse na entrevista que um professor não a entendia e uma jovem sim.

## Referências

BOSI, A. Clarice Lispector (sgB). In: *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1970. p. 474-477.

BORELLI, O. In: CLARICE, L. Um sopro de vida. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1978. p. 5.

CABRAL, E. S. *Memória e narração a partir da obra “Perto do coração selvagem”, de Clarice Lispector*. 2015. 118f. Dissertação (Mestrado em Artes da Cena). Instituto de Letras e Linguística. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

FERRAZ JR., E. Semiótica e Análise Literária - uma Introdução. *Revista do GELNE (UFC)*, João Pessoa - PB, v. 6, n.01, p. 47-55, 2004.

\_\_\_\_\_. A leitura do texto literário: uma abordagem semiótica. *Signo (UNISC. Online)*, v. 37, n.62, p. 80-80, 2012.

\_\_\_\_\_. FERRAZ, P. F. L. A iconicidade, da Semiótica à Linguística: situação do problema. In: VI Congresso Internacional da ABRALIN - Associação Brasileira de Linguística, 2009, João Pessoa. *ABRALIN 40*



ANOS - VI Congresso Brasileiro da ABRALIN - ANAIS. João Pessoa: Ideia, 2009. v. 1. p. 1402-1408.

HUMPHREY, R. *O fluxo da consciência: um estudo sobre James Joyce, Virginia Woolf, Dorothy, William Faulkner e outros*. São Paulo: Mcgraw Hill do Brasil, 1976.

ICMBIO. *Plano de ação nacional para a conservação de aves de rapina*. Brasília: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, 2008.

LEMKE, J. L. Cognition, contexto, and learning: a social semiotic perspective. In: KIRSHNER, David; WITHSON, James. *Situated Cognition Theory: Social, Neurological, and Semiotic Perspectives*. LONDON: Lawrence Erlbaum Associates, 1997.

LISPECTOR, C. *Correspondências*. São Paulo: Rocco, 2002.

\_\_\_\_\_. Esvaziamento. In: CLARICE, L. *Onde estivestes de noite*. São Paulo: Rocco, 1999. p. 57-59.

\_\_\_\_\_. *Um sopro de vida*. São Paulo: Rocco, 1987.

\_\_\_\_\_. A mensagem. In: CLARICE, L. *Felicidade Clandestina*. São Paulo: Rocco, 1998. p. 133-135.

MOSER, B. *Clarice*. São Paulo: Cosac Naify, 2009. Versão Ebook. Disponível em: <file:///C:/Users/taist/Documents/Clarice%20-%20Benjamin%20Moser.pdf>.

NÖTH, W. *Panorama da Semiótica: de Platão a Peirce*. 3 ed. São Paulo: Annablume, 2003.

PERICE, C. S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

\_\_\_\_\_. *Semiótica e filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1972.

PIGNATARI, D. *Semiótica e literatura*. São Paulo: Ateliê editorial, 2004.

ROSEMBAUM, Y. *Clarice Lispector*. São Paulo: Publifolha. 2002.



Vol. 23, nº 2 (2022)

ROSENFELD, A. 2006. Reflexões sobre o romance moderno. In: \_\_\_\_\_ . *Texto/Contexto I*. São Paulo: Perspectiva. p. 75-97.

SANTAELLA, L. *Semiótica*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

SEOBOK, T. A. *Signs: an introduction to semiotics*. Canadá: University of Toronto Press Incorporated, 2001.

TORRE, D. D. *Clarice Lispector: da solidão de não pertencer à quarta dimensão*. 2006. 207f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Instituto de Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.